



Steve Smallman
A ovelhinha que veio para o jantar
Lisboa, Dinalivro, 2006

A ovelhinha que veio para o jantar

— Oh não! OUTRA VEZ sopa de legumes! — queixou-se o lobo, que já era velhinho. — Quem me dera ter uma ovelhinha aqui à mesa. Fazia já um belo ensopado de borrego!

Eis senão quando...

TRUZ! TRUZ!



Quem batia à porta era uma linda ovelhinha!

— Posso entrar? — perguntou ela.

— Claro, minha querida! A casa é tua! Vieste mesmo à hora do jantar — disse o lobo que, para além de ser velhinho, também era muito matreiro...

A ovelhinha estava cheia de frio.

— BRRRR! BRRRR! — fazia ela a tremer.

— Mas que azar o meu! — sussurrou o lobo. — Logo me calhou uma ovelhinha congelada! Não gosto de comida assim!...

Então, o lobo lembrou-se de pôr a ovelhinha ao pé da lareira para ela se aquecer e, todo apressado, foi procurara a sua receita preferida de ensopado de borrego.

— VOLTASTE! És mesmo tu? Não tens outro sítio para onde ir? — perguntou o lobo muito eufórico.

E a ovelhinha abanou a cabeça, dizendo que não.

— Que... que... queres ficar aqui co... comigo? — convidou o lobo a gaguejar.

A ovelhinha olhou para ele, olhos nos olhos.

— E tu prometes que não me comes? — quis saber ela.

— NÃO! CLARO QUE NÃO! — afirmou ele. Como é que eu podia comer uma ovelhinha que precisa de mim? Até podia ficar com o coração partido...

A ovelhinha sorriu e atirou-se para os braços do lobo, que já era velhinho.

— Estás com fome, enlatado? — perguntou ele. — Que tal uma sopinha de legumes?



Finalmente, tudo estava em silêncio.

— Ainda bem que ela já se foi embora! — suspirou o lobo aliviado. — Aqui ela não estava em segurança. Um lobo velho e esfomeado como eu é sempre capaz do pior!

Mas pouco depois, o lobo começou a pensar na ovelhinha, sozinha e desamparada na escuridão da floresta.

— Talvez ela se perca...

— Talvez morra de frio....

— Talvez caia nas garras de um bicho...

— OH, NÃO! O QUE É QUE EU FUI FAZER? — perguntou ele arrependido.

Sem querer perder tempo, o lobo pôs-se de pé e abriu a porta. Mas infelizmente não havia sinal da ovelhinha.

O lobo, que já era velhinho, correu aos berros pela floresta fora:

— Ovelhinha, ovelhinha, volta, não tenhas medo! Prometo que não te como!

Passado muito, muito tempo, o velho lobo, triste e encharcado, regressou sozinho à sua quinta. Estava mesmo desanimado.

Abriu a porta e, qual não foi o seu espanto, quando viu a ovelhinha ao pé da lareira!



Mnham mnham!... Já lhe crescia água na boca só de pensar no seu delicioso repasto.

Mas não era só o lobo que estava com fome. A barriga da ovelhinha também já estava a dar horas...

— Mas que azar o meu! — pensou o lobo. — Não posso comer uma ovelhinha toda esfomeada! Até me podia fazer mal ao estômago!

Então o lobo ofereceu à ovelhinha uma cenoura.

— Assim, já tenho borrego recheado!

A ovelhinha devorou a cenoura tão depressa que ficou com soluços.

— HIC, HIC, HIC! — fazia ela sem parar.

— Ai, ai! Que azar o meu! — lamentou-se o lobo. — Quem é que come uma ovelhinha cheia de soluços? Até pode ser contagioso!

O problema é que o lobo não percebia nada de soluços. Como é que se acabava com eles?

— E se eu atirasse a ovelhinha ao ar?

— HIC!

Mas não resultou.

— E se eu a virasse ao contrário?

— HIC!

Mas não resultou.

— E se eu a abanasse de um lado para o outro?

Mas também não resultou.



Então o lobo pegou na ovelha ao colo e começou a dar-lhe palmadinhas nas costas com a sua pata enorme coberta de pêlos!

Os soluços da ovelhinha não tardaram a passar e ela adormeceu num instante, enroscada no pescoço do lobo.

O lobo, que já era velhinho, ficou muito embaraçado porque nunca tinha sido abraçado pelo seu futuro jantar. E como seria de esperar, a fome, afinal, já nem era tanta...

A ovelhinha ressonava baixinho encostada às orelhas do lobo.



— RRRROONCHHH! RRRROONCHHH! — fazia ela.

— Que azar o meu! — queixou-se o lobo. — Como é que vou comer uma ovelha que está a rressonar?

O lobo sentou-se na cadeira de balouço ao pé da lareira, com a ovelhinha nos braços.

— Já nem me lembro da última vez que alguém me fez uns mimos! — reconheceu o lobo.

Mas assim que o lobo começou a cheirar a ovelhinha, ficou deliciado com o seu perfume!

— OHHH! — suspirou o lobo. — Se eu a comesse depressa ela nem sequer dava por isso.

E quando o lobo se preparava para engolir a ovelhinha...

... ela acordou e deu-lhe um grande beijinho! CHUAC!

— NAÃOOO! — gritou ele. — Isso não vale! Eu sou um lobo mau e tu és um ensopado!



— um enlatado? — perguntou a ovelhinha a sorrir. E confessou: — Eu sei lá o que é isso!

— Que é que eu faço à minha vida?! — exclamou o lobo. — Bom, vais mesmo ter de te ir embora!

Muito decidido, o lobo pôs a ovelhinha na rua, mas primeiro deu-lhe um agasalho.

— SOME-TE DAQUI!!! — gritou. — Se ficares, como-te e depois já não te podes arrepender.

E com um grande estrondo fechou a porta. BANG!

Lá fora, a noite era escura e fria. E a ovelhinha não parava de bater à porta.

— Oh, Loobo! Loobo? — suplicava ela. — Deixa-me entrar!

Mas o lobo, que já era velhinho, tapou as orelhas com as patas e pôs-se a cantar «LA, LA, LA, LA, LA, LA, LA!» até a ovelhinha se calar.

